



VOL. 5 | N. 9 | JAN/JUN DE 2019 | ISSN 2359-4489

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE POLÍTICA E RELIGIÃO

“Os Césares” de Juliano como construção de uma propaganda política

Eduardo Belleza Abdala Miranda

Licenciado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Mestre e Doutorando em História pela mesma Universidade. E-mail:
eduabdala@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo buscará demonstrar como a sátira elaborada pelo imperador Juliano, o Apóstata (361 – 363 d. C.), denominada *Os Césares*, também conhecida como *Saturnálias* ou *O Banquete*, representou uma propaganda político-religiosa na tentativa do soberano em elevar suas qualificações como governante e colocar em prática suas medidas de restauração dos antigos cultos romanos. Demonstraremos como Juliano exalta a figura de Marco Aurélio, mais próximo de suas ideias filosóficas e, ao mesmo tempo, deprecia a figura de Constantino, quem concede espaços para o cristianismo.

Palavras-chave: Juliano, Sátira, Roma, Saturnália.

“The Caesars” of Julian as construction of political propaganda

Abstract: This article will seek to demonstrate how the satire elaborated by Emperor Julian, The Apostate (361 – 363 d. C.) called *The Caesars*, also now as *Saturnalia* or *The banquet* represented a political-religious propaganda in an attempt of the sovereign to elevate his qualifications as a ruler and implement its restorations measures of the ancient Roman cults. We will demonstrate how Julian exalts the figure of Marcus Aurelius, closest to his philosophical ideals, and at the same time, depreciates the figure of Constantine, who grants spaces to Christianity.

Keywords: Julian, Satire, Rome, Saturnalia.

Introdução

Quando estudamos o período de Flávio Cláudio Juliano (330 – 363 d. C.), devemos compreender as mudanças políticas do momento histórico denominado *Dominato*. Segundo a historiografia tradicional, esta parte da história de Roma é marcada pelas propostas de Diocleciano para restaurar o Império em decadência desde a Anarquia militar ¹, durante o século II d. C.

Segundo Norma Musco Mendes e Gilvan Ventura da Silva, o *Dominato* pode ser definido como: “Uma entidade política fundada numa dinâmica particular de interação entre o Estado e a sociedade que se desenvolveu como uma estratégia reguladora diante de uma grave situação de instabilidade política com a finalidade de gerir as pressões externas e dissensões internas.” ².

Para Geza Alföldy, o período em questão representou o momento mais despótico do Império Romano, tornando o Estado a instituição mais poderosa, com poderes absolutos e submetendo brutalmente a vida da população às decisões do poder central, ou seja, as decisões do imperador ³. Seguindo uma análise similar ao historiador húngaro, a autora María Pollitzer determina o *Dominato* como uma relação de controle entre o soberano e os súditos, estes deveriam adorar e obedecer a figura do imperador ⁴ que se apresentava como o *dominus* ⁵.

Esse período é apresentado entre os historiadores de forma contínua, iniciando-se em Diocleciano e terminando apenas no Império de Justiniano, após sua morte em 565. Logo, Juliano teria assumido as mesmas características de dominação em seu governo.

No entanto, o Império de Juliano foi marcado por suas tentativas de restauração dos cultos pagãos, já que o cristianismo, pouco a pouco, ganhava espaço na ordem imperial. Constantino, tio de Juliano, já havia decretado o Édito de Milão, garantindo a liberdade de culto dentro do Império Romano. Constâncio II, primo de Juliano e filho de Constantino, seguiu em seu governo princípios cristãos.

¹ ALFÖLDY, G. **História Social de Roma**. Madrid: Alianza Universidad, 1ª ed 1987; 3ª ed 1996. p. 125.

² SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. Diocleciano e Constantino: A construção do *Dominato*. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. **Repensando o Império Romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro e Vitória: Maud Editora e EDUFES, 2006. p. 96.

³ ALFÖLDY. op. cit. p. 123ss.

⁴ POLLITZER, María. **Diocleciano y la teología tetrárquica**. Tomo XL, Nº 81. p. 157 – 166. 2003. p. 164 – 165.

⁵ O dominus é o senhor. Quando o imperador assumia tal título, ele se apresentava como senhor de tudo e de todos no Império.

Ao assumir o poder, Juliano inicia suas práticas de restauração do paganismo através de algumas ações, como reconstrução de templos que foram destruídos e elaboração de suas obras literárias. Em algumas, estabelecia as bases de seu pensamento filosófico e religioso, como o caso do hino em devoção ao deus Hélios ⁶. Em outras, buscava criticar alguns imperadores e exaltar outros, como veremos na sátira denominada *Os Césares*.

Logo, procuraremos explicar brevemente as características de uma sátira, identificando seus objetivos, sentido, como se desenvolve, quem são os personagens e suas críticas. Em seguida, a sátira de Juliano, *Os Césares*, também conhecida como *O Banquete* ou *Saturnálias*, será apresentada. Nela, debateremos as passagens sobre as quais podemos notar a influência política presente no pensamento do soberano.

Quanto à obra, há um pequeno debate sobre a época e o local de produção: enquanto Joseph Bidez defende que foi desenvolvida em 362 d. C. na cidade de Antioquia ⁷, para Wilmer Wright a sátira foi escrita em Constantinopla no ano de 361 ⁸. Sobre as características cômicas do texto, na introdução de sua tradução, José Garcia Blanco apresenta a obra do imperador (dividindo-se entre passagens sérias e humorísticas) elaborada em dois gêneros: o banquete e o satírico⁹. Rowland Smith não acredita que não havia uma intenção humorística na obra de Juliano. Para o autor, o soberano sabia o momento e lugar apropriado para se produzir um texto irônico e *Os Césares* estava direcionado a um grupo seletivo de leitores ¹⁰, possivelmente para grupos que Juliano buscava atingir de forma política. Já para Glen Bowersock, a obra não apresenta qualquer característica cômica ¹¹.

Por fim, faremos uma relação entre a sátira e o *Hino ao deus Hélios*, também desenvolvido por Juliano, no qual o imperador apresenta toda sua devoção à divindade solar. Desse modo, poderemos compreender como os textos se integram e quais os objetivos do imperador ao desenvolvê-los.

⁶ JULIANO. Hymn to King Helios. Dedicated to Sallust. In: WRIGHT, Wilmer C. **The Works of the Emperor Julian**. London: Willian Heinemann. New York: The Macmillan CO. p. 353 – 457.

⁷ WRIGHT, W. C.: Introduction . In: **The Works of the Emperor Julian II**. London-Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 343

⁸ BIDEZ, J. **La vie de l'Empereur Julien**. Paris: Les Belles Lettres, 1965. p. 300

⁹ BLANCO, Garcia. Introducción. Las Saturnales (Los Césares). In: JULIANO. **Discursos VI – XII**. Introducciones, Traducciones y Notas de José García Blanco: Madrid, Gredos. 1982. p. 148.

¹⁰ SMITH, Rowland. **Julian's Gods: Religion and philosophy in the thought and action of Julian the Apostate**. London and New York: Routledge, 1995. p. 13 – 14.

¹¹ BOWERSOCK, G. W. The emperor Julian on his predecessors. In: Winkler, J. J; Williams, G.: **Yale Classical Studies 27**. Later Greek Literature, Cambridge-London-New York, Cambridge University Press, 1982. p. 159-172.

O principal objetivo deste artigo será demonstrar que as obras literárias elaboradas pelo imperador Flávio Cláudio Juliano não eram simples textos literários, mas continham uma forte propaganda política. A partir desses escritos, o imperador buscará convencer o povo romano de que ele foi escolhido pelos deuses para governar o Império Romano.

A sátira

Antes de entrarmos efetivamente nas discussões a respeito do texto elaborado pelo imperador Juliano, precisamos compreender os aspectos que envolvem a construção de uma sátira: quais os objetivos e os conceitos filosóficos em torno dela; qual o sentido do humor; em que época ela se passa e qual o sentido da mitologia na construção do texto.

Segundo Zélia de Almeida Cardoso,

“As sátiras literárias, produzidas por diversos autores, são composições poéticas narrativo-dissertativas ou dialogadas, que, apresentando fatos ou pondo pessoas em foco, ridicularizam os vícios e defeitos de maneira jocosa ou indignada e assumem não raro um tom filosófico-moral (...).”¹².

Nota-se então que a sátira romana promove uma crítica social, pondo um ou mais personagens em situações constrangedoras, expondo seus problemas e suas mazelas aos leitores. Logo, esse gênero não representa apenas uma construção textual literária. Ainda que esta “fórmula” na construção de uma sátira não seja uma regra, seu objetivo costuma ser o de atacar agressivamente os vícios presentes na humanidade¹³, como exposto nas palavras de Zélia Cardoso. O conceito de sátira não é difundido sob uma única ótica. Para os satíricos romanos Horácio e Lucílio, a sátira pode ser vista enquanto uma comédia. Já em Pérsio, um estoico, a sátira carrega em si uma discussão filosófica¹⁴.

É importante destacar que a sátira será escrita de acordo com os interesses pessoais do poeta. Portanto, a “verdade” apresentada pelo escritor ficará restrita às suas considerações sobre o personagem exposto. Essa dinâmica textual tem como característica o ensinamento moral. Por este motivo, compreende-se que o autor se utilizará do passado para apresentar as causas do presente¹⁵.

Em relação ao espaço e a dinâmica temporal, sabemos que a sátira pode ocorrer em qualquer lugar e período. No caso das Saturnálias de Juliano, esse espaço será um banquete

¹² CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina. A sátira latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.89.

¹³ CASTILLO, C. Tópicos de La sátira romana. Conferência pronunciada en el Curso de Humanidades Clásicas de la Universidad Internacional Menéndez Pelayo de Santander, IO, VIII, 1971. p. 149.

¹⁴ Ibidem. p. 149.

¹⁵ Ibidem. 151.

entre os imperadores romanos e os deuses, no qual o tempo nos parece indeterminado. Mas é interessante notar como Juliano apresenta a relação entre as divindades e os soberanos que governaram o Império.

As Saturnálias: exaltação de Marco Aurélio e depreciação de Constantino

Tendo em vista a breve explicação sobre as características de uma sátira, podemos agora analisar, cautelosamente, o texto elaborado pelo imperador Flávio Cláudio Juliano, para compreender suas motivações pessoais e políticas em relação ao Império Romano.

O que podemos destacar de imediato das passagens presentes na obra é a exaltação feita ao imperador Marco Aurélio. Segundo Juliano, Marco Aurélio era o único imperador digno de respeito ¹⁶. Parece que o texto procura apresentar como deveria ser o governante ideal. Também podemos destacar a imagem que se cria de Constantino. Este é apresentado como um homem sem caráter e perdido, como um traidor dos costumes romanos.

O título da sátira desenvolvida por Juliano é conhecido como *Os Césares*, mas também recebe o nome de *Saturnálias* em referência as festas em honra ao deus Cronos, ou Saturno para os latinos ¹⁷. A festa (Saturnália) era celebrada em meados de dezembro e Juliano afirma ter escrito durante uma delas. Todavia, há uma incerteza sobre a época de produção do texto, não se sabendo ao certo se escrito em 361 ou em 362 d. C. ¹⁸. Costuma-se fazer a analogia da obra com *O banquete* de Platão ¹⁹, o que é compreensível se pensarmos na construção do texto, no qual os imperadores estão reunidos com as divindades em um banquete onde se realizarão os jogos. Com esse trabalho, pretendemos demonstrar que o objetivo do imperador com a obra era propagar seus ideais político-religiosos, criando uma competição com os imperadores que sentam ao seu lado no banquete para saber quem foi o melhor na história, na busca por demonstrar que os seus (o de Juliano) valores religiosos superam os dos outros ²⁰.

A sátira se inicia com uma história que será contada por Juliano, provavelmente direcionada a Salústio. Nesse diálogo, o imperador descreve o cenário de um banquete no qual estarão presentes imperadores romanos e os deuses. Somente um grego aparece na obra,

¹⁶ Levando em consideração que Augusto nos é apresentado como uma divindade. Cf: BLANCO, Garcia. Introducción. Las Saturnales (Los Césares). In: JULIANO. **Discursos VI – XII**. Introducciones, Traducciones y Notas de José García Blanco: Madrid, Gredos. 1982. p. 151.

¹⁷ BLANCO. op. cit. p. 147

¹⁸ Ibidem. p. 147.

¹⁹ Ibidem. p. 148.

²⁰ Ibidem. p. 149.

Alexandre, o Grande. Este é representado como um bom homem, que deveria ser lembrado por suas vitórias ²¹. Apesar de perceber em Alexandre um bom governante, não o exalta como fará à imagem de Marco Aurélio. Juliano apresenta os deuses e os imperadores que chegam para a festa. Enaltece o brilho do leito reservado a Cronos, o qual ninguém conseguia olhar diretamente perante tanta luz ²². Na obra, Hermes alega ser impossível descrever a beleza dos deuses ²³. Percebe-se que tal louvor às deidades não é meramente casual ou acaso da literatura, mas é a demonstração de sua devoção para aqueles que regem o universo, segundo suas crenças.

Demarcado os lugares dos deuses, começam a entrar os Césares, o primeiro é Júlio César. Nota-se a primeira repulsa de Juliano, que nas falas de Sileno (companheiro de Dionísio na mitologia grega), descreve que Júlio César era um usurpador e pretendia tomar o poder de Zeus para se tornar um monarca ²⁴. Ao entrar Otávio, Juliano o descreve com o mesmo brilho dos deuses ²⁵. Já Tibério será apresentado como um homem cruel, cujo corpo estava deteriorado devido a suas ações ²⁶. Calígula é comparado a uma fera, desprezado pelos deuses ²⁷. Todos os outros continuam sendo apresentados pelos relatos de Sileno.

Após ser devidamente apresentados, Hermes propõe um “jogo” para colocar à prova os verdadeiros heróis. Os imperadores seriam convocados, mas Heracles pergunta porque não convocar também Alexandre ²⁸. Nesse momento, percebemos que o texto demonstra que Alexandre é um dos poucos heróis (talvez o único) estrangeiro respeitado e até exaltado entre os romanos. Entre os heróis que entrariam na disputa, Zeus questiona se todos participariam ou somente os que obtiveram muitas vitórias. Ao concordar, Hermes então chama os que mais venceram em guerra, César, Otávio e Trajano. Cronos questiona porque não foi chamado nem sequer um imperador filósofo. Neste momento, Marco Aurélio é chamado ²⁹. Ao entrar, o imperador é descrito da seguinte maneira:

(...) cheio de dignidade, os olhos e o rosto ligeiramente contraídos pela fadiga, e mostrando uma beleza incomparável, precisamente por se oferecer despreocupado e sem adornos; sua barba era bem cheia e sua vestimenta simples e modesta, e por

²¹ BLANCO. op. cit. p. 150.

²² JULIANO. Los Césares. 307c-d.

²³ Ibidem. 308a.

²⁴ Ibidem. 309a.

²⁵ Ibidem. 309b-c.

²⁶ Ibidem. 309d.

²⁷ Ibidem. 309d.

²⁸ Ibidem. 316a-d.

²⁹ Ibidem. 317a-b

falta de alimentos seu corpo era muito brilhante e transparente, na minha opinião, a luz mais pura e límpida³⁰.

Os deuses determinam que Constantino também entre na disputa para que seja definida a forma de luta. Ficou definido que cada participante deveria apresentar suas façanhas e qualidade e dizer por que deveria ganhar o prêmio. Após os discursos, os deuses dariam seus votos para aquele que se destacasse nos debates³¹. Não falaremos pontualmente de cada discurso. Como dito anteriormente, levaremos em conta dois imperadores que se encontram nos extremos da análise da sátira: o enaltecido Marco Aurélio e o depreciado Constantino.

Neste momento, há a primeira disputa, Júlio César contra Alexandre, O Grande. Segundo a sátira, há uma referência autoafirmativa de ambos os lados. César exalta seus feitos diante dos deuses e menospreza os de Alexandre. Já o segundo procura se defender, mas também não deixa de atacar Júlio César. Ambos, ao que parece, são ambiciosos e egocêntricos na visão de Juliano, procuram apenas elevar suas conquistas e explicar suas más ações³². É notável o desprezo de Juliano a discursos incisivos e de exaltação do ego, já que iria contra suas propostas filosóficas, relacionadas à filosofia iâmblica, que será explicada mais adiante.

No decorrer da sátira, estarão presentes os discursos de outros imperadores, seguindo uma ordem cronológica. Porém, seguindo a proposta de análise desse artigo, focaremos nas falas de Marco Aurélio e na forma como este é visto pelos deuses durante as Saturnálias.

Podemos perceber os primeiros elogios de Juliano ao imperador filósofo na fala de Sileno, quando este, antes do discurso de Marco Aurélio, se dirige a Dionísio discorrendo a seguinte frase: “Escutemos este estoico, para ver que paradoxais e maravilhosas doutrinas ele nos dirá”³³. Nota-se que, para Juliano, Marco Aurélio é digno de atenção e que seu estoicismo é repleto de ensinamentos que devem ser escutados. Pela sátira, são os deuses que estão pedindo tal atenção. Todavia, com sabedoria, Marco Aurélio se dirige aos deuses dizendo: “Zeus e demais deuses, não necessito de discursos nem de disputas. Se não conhecesse minhas obras, seria melhor que lhes mostrasse, posto que já as conheçam e não

³⁰ Ibidem. 317c-d. Todas as citações são de tradução própria a partir do texto que se encontra em espanhol. Cf: JULIANO. *Las Saturnales (Los Césares)*. In: JULIANO. **Discursos VI – XII**. Introducciones, Traducciones y Notas de José García Blanco: Madrid, Gredos. 1982.

³¹ Ibidem. 318b.

³² Ibidem. 320 – 326.

³³ Ibidem. 328c.

lhes escapa nada sobre elas, vocês mesmos dão as honras que me correspondem”³⁴. Para Juliano, o ato de Marco Aurélio de não discursar exaltando seus feitos demonstrava sabedoria única. Ao não falar sobre si e seus feitos, Marco Aurélio não questionava a sabedoria e conhecimento dos deuses, já que estes conheciam toda sua história, como aponta o imperador.

Ao término dos discursos, Hermes inicia uma série de perguntas a Alexandre e os imperadores ali presentes, questionando suas apresentações e feitos. Quando se dirige a Marco Aurélio, o deus pergunta: “E para ti, Vero³⁵, qual parece ser a mais bela finalidade da vida?”³⁶ Sem divagar, Marco Aurélio responde “Imitar os deuses”³⁷. Sileno, inconformado, busca questionar a forma como Marco Aurélio imitava os deuses. A deidade argumenta que o imperador se alimentava com pão e vinho, ou seja, não imitava os deuses, que se alimentam de ambrosia e néctar. Marco Aurélio responde que o que considerava importante imitar dos deuses era a inteligência deles³⁸. Sileno então pergunta ao imperador o que ele acreditava ser imitar os deuses. O soberano então responde: “Ter as mínimas necessidades e fazer o bem ao maior número possível”³⁹. Ainda buscando contrariar Marco Aurélio ou encontrar contradições em seus argumentos, Sileno questiona-o sobre as ações referentes a sua mulher e seu filho. Quanto à mulher⁴⁰, Marco Aurélio diz ter seguido as instruções de Homero, na *Iliada*⁴¹, de que um bom homem deve amar e proteger sua esposa. Quanto a Cómodo, Marco Aurélio diz ter criado um bom filho e que este se tornou perverso após se tornar imperador. Dessa maneira, a culpa pelos feitos de Cómodo ficou restrita ao próprio. Diz que o que fez foi copiar a Aquiles (em relação à esposa) e a Zeus (em relação ao filho)⁴².

Vendo como Marco Aurélio é apresentado, devemos destacar que a obra de Juliano não se limita a exaltar os feitos do imperador filósofo, mas também a depreciar a figura de Constantino e apresentar seus feitos como provocadores de mazelas ao Império.

Na primeira passagem em que aborda sobre Constantino, a partir da fala dos deuses, Juliano demonstra como as obras de seu tio eram insignificantes. Na verdade, no texto, é o

³⁴ *Ibidem*. 328c-d.

³⁵ Referindo-se ao nome de nascimento de Marco Aurélio, Marco Ânio Vero.

³⁶ JULIANO. *op. cit.* 333c.

³⁷ *Ibidem*. 333c.

³⁸ *Ibidem*. 333d.

³⁹ *Ibidem*. 334a.

⁴⁰ Os relatos que nos chegam sobre Faustina (125-30? – 175 d. C.) são negativos. Na *História Augusta* são descritas ações um tanto repulsivas como envenenamento, mando de execuções e adultério.

Cf. SHA. Marcus Aurelius, XIX, 2.

⁴¹ HOMERO, IX, 341.

⁴² JULIANO. *op. cit.* 334a-d.

próprio Constantino quem percebe sua insignificância conforme as conquistas dos demais são apresentadas ⁴³.

As conquistas das guerras travadas contra Maxêncio e Licínio são consideradas sem importância, já que ambos os “tiranos” não estavam em condições para o combate e são considerados abomináveis para os homens e para os deuses ⁴⁴. Sobre o primeiro é dito que estava “inapto para guerra e entregue a preguiça” ⁴⁵, enquanto o outro era “digno de piedade por seus anos” ⁴⁶. Constantino é acusado de travar batalhas “ridículas” contra os bárbaros, já que as mesmas não teriam ocorrido de verdade, o imperador teria pagado para vencer ⁴⁷.

Quando Constantino tem a chance, não hesita em exaltar seus feitos. O imperador então argumenta que é o melhor entre todos que já haviam falado. Dizia ser o melhor por ter lutado contra os povos mais criminosos e temidos, por não ter provocado uma guerra civil como César e Augusto ⁴⁸. Reclama não ser igual a Trajano, por ter sido capaz de reconquistar territórios perdidos após o governo deste ⁴⁹. Diante de tal situação, Sileno compara as obras de Constantino aos Jardins de Adônis: “Os que plantam as mulheres em honra ao amante ⁵⁰ de Afrodite em vasos dispostos como uma cama de terra do jardim: florescem e instantaneamente murcham.” ⁵¹. Em outras palavras, as obras de Constantino são vistas e apresentadas na sátira de Juliano como algo que se construiu, mas que desmoronou em pouco tempo.

Ao chegar o momento das perguntas, quando Hermes se direciona a Constantino perguntando o que ele considerava bom, Constantino responde: “Possuir muitas coisas e gastar muito para satisfazer a mim e meus amigos” ⁵². Sileno, inconformado com o absurdo da afirmação, responde: “Então, querendo ser um banqueiro, sem se dar conta, levou a vida de um cozinheiro e de uma criada” ⁵³. Ou seja, Constantino é acusado de querer levar uma vida repleta de riqueza, mas, ao dizer que gostaria de gastar a riqueza somente para satisfazer-se, demonstrou ter levado uma vida como qualquer outro.

⁴³ Ibidem. 328d.

⁴⁴ Ibidem. 329a.

⁴⁵ Ibidem. 329a.

⁴⁶ Ibidem. 329a.

⁴⁷ Ibidem. 329a.

⁴⁸ Ibidem. 329b.

⁴⁹ Ibidem. 329c.

⁵⁰ Adônis.

⁵¹ JULIANO. op. cit. 329d.

⁵² Ibidem. 335b. Cf: ZOSIMO, II, 38, 1ss. O autor critica as cobranças tarifárias de Constantino.

⁵³ Ibidem. 335b.

O que nos chama a atenção até este momento é como Juliano apresenta os imperadores em sua obra. Na verdade, somente a figura do imperador Marco Aurélio é enaltecida, os outros imperadores são sempre retratados com alguma falha. Porém, seu maior alvo parece ser Constantino, humilhado a todo o momento. Assim, qual a importância de se analisar um imperador vangloriado e o outro menosprezado? Quais os objetivos de Juliano em enfatizar os dois imperadores?

Os Césares: uma propaganda política

Para compreendermos a sátira e os motivos que envolvem os dois imperadores em destaque, Marco Aurélio e Constantino, devemos analisar os objetivos políticos e religiosos de Juliano. Somente a partir desta busca poderemos responder as perguntas presentes no final do último tópico. Desse modo, antes de respondermos efetivamente tais perguntas, precisamos ter ciência sobre outra fonte, o Hino em devoção ao deus Hélios desenvolvido por Juliano ⁵⁴.

Influência filosófica de Juliano

Denominado *Hino ao Rei Hélios. Dedicado a Salústio* (em grego: *ΕΙΣ ΤΟΝ ΒΑΣΙΛΕΑ ΗΑΙΟΝ ΗΠΟΣ ΣΑΛΟΥΣΤΙΟΝ*) o complexo texto apresenta características que parecem demonstrar um pouco sobre a visão política – com bases religiosas – do imperador. Neste Hino, Juliano não se limita a apresentar sua devoção à divindade solar, mas também apresenta seu pensamento político e filosófico. Nele, percebemos passagens de influência da filosofia iâmblica, que teve forte atuação sobre sua formação educacional.

Ainda jovem, quando residia em Nicomédia, a mando de Constâncio II, Juliano teve contato com os ensinamentos do filósofo Libânio (314 – 394 d. C), quem lhe proporcionou os primeiros conhecimentos sobre as religiões imperiais, principalmente aos aspectos do Império de Marco Aurélio, o imperador preferido de Juliano ⁵⁵. Seus interesses pela filosofia iâmblica se elevam quando conhece Edésio da Capadócia (280/90 – 352/55 d. C), discípulo de Iâmblico, na cidade de Pérgamo. Em Éfeso, o imperador conhecerá Maximo (310 – 372 d.

⁵⁴ Tal Hino foi desenvolvido por volta de 362 d. C., pouco depois de “Os Césares”, para celebrar a festividade em nome do deus, ocorrida em 25 de dezembro.

⁵⁵ MIRANDA, E. B. A. **Apostasia solar**. Juliano (361 – 363 d. C.) e a restauração do Culto Solar. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História. 2016. p. 62.

C.), tido como o melhor discípulo de Edésio ⁵⁶. A partir dos estudos com os discípulos de Iâmblico, Juliano passará a exaltar esta filosofia em seus textos e em suas ações político-religiosas.

Assim, Juliano desenvolve seu Hino com fortes características da filosofia iâmblica, e por estes seguimentos, assim como em tempos mais antigos, o imperador nota uma relação harmoniosa entre filosofia e religião ⁵⁷. A teurgia ⁵⁸ de Iâmblico, presente em sua obra *Os mistérios egípcios*, procura evidenciar a “influência dos mistérios na percepção do mundo cósmico, além de desenvolver ensinamentos sobre a prática teúrgica capaz de elevar a alma corpórea aos seres divinos” ⁵⁹. Será sob esta identificação, entre a matéria e o cosmos, que Juliano desenvolverá seu hino em devoção ao deus sol, Hélios.

No decorrer do Hino, nota-se que o soberano está a todo o momento vinculado a deidade solar. É a alma vinculada à força cósmica. Na obra, Hélios é apresentado como a divindade central entre os deuses, um ser perfeito, gerador e criador de tudo o que existe no universo ⁶⁰. Em dada passagem, Juliano revela que a divindade solar é o pai de toda humanidade e é ele quem condiciona à alma a forma de vida de cada um. O imperador então nos diz:

(...) o deus me julgou digno ao nascer em uma família, que em minha época tem o poder e reina sobre o mundo. Mas acredito que, se podemos acreditar nos sábios, de forma mais geral, ele é o pai comum de toda humanidade, (...) é o deus que semeia a terra com as almas que procedem, não só ele como os outros deuses, e com a finalidade de revelar as almas pelo tipo de vida selecionada ⁶¹.

É importante notar nesta passagem como se dá a relação apresentada por Iâmblico sobre a alma e a ordem cósmica. Por esta menção do Hino, percebemos, ao menos de forma hipotética, que a alma está diretamente ligada ao cosmos, já que ela é proveniente da divindade suprema, segundo Juliano.

⁵⁶ Ibidem. p. 63.

⁵⁷ DE LA VEGA, María José Hidalgo. Teología política de Juliano como expresión de la controversia paganismo-cristianismo en el siglo IV. **Antigüedad y Cristianismo VII. Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano, Murcia**, p. 179-195, 1990. p. 181.

⁵⁸ Prática religiosa de tradição grega que invoca os poderes cósmicos, afim de comunicar-se e unir-se a eles.

⁵⁹ MIRANDA. op. cit. p. 110. Cf: JÂMBLICO. **Mstérios Egípcios**. Intrdución, Tradución y Notas de Enrique Ángel Ramos Jurado. Madrid: Editora Gredos. 1997.

⁶⁰ JULIANO. Oratio IV. 135c. Cf: WRIGHT, Wilmer C. **The Works of the Emperor Julian**. London: Willian Heinemann. New York: The Macmillan CO. 1913. p. 353 – 457.

⁶¹ JULIANO. Oratio IV. 131bc. Todas as traduções deste texto são próprias feitas a partir do texto em inglês. Cf: Wilmer C. **The Works of the Emperor Julian**. London: Willian Heinemann. New York: The Macmillan CO. 1913.

Para o imperador, as coisas só se tornam visíveis graças à luz que o deus Hélios é capaz de emitir, e o valor de cada construção só terá sentido de for iluminado, já que, segundo Iâmblico, a luz do sol é a luz da verdade⁶². Sendo assim, o soberano nos fala:

O que, de modo geral, poderia ser visto como a matéria é posta pelas mãos de um artesão, não fosse posto primeiro em contato com a luz, para que, suponho, pudesse receber uma forma? E, de fato, ouro bruto fundido é simplesmente ouro, não é nenhuma estátua, nem um retrato até que o artesão lhe de uma forma. Assim, também, todos os objetos visíveis, a menos que sejam colocados sob os olhos de quem vê junto com a luz, são totalmente privados de visibilidade. Dando o poder da visão para os videntes, e o poder de ser visto os objetos visíveis, ele traz a perfeição, por meio de uma única atividade, duas faculdades, ou seja, a visão e a visibilidade, e em formas e substâncias são expressos seus poderes perfeitos⁶³.

Percebemos, então, que suas bases filosóficas influenciam diretamente em sua orientação religiosa e que as mesmas se vinculam como sustentação para suas medidas políticas. Esta característica política pode ser notada ao final do hino, quando o imperador demonstra que suas decisões não são meramente uma decisão voluntária, mas uma ordem divina que conecta a organização do Império Romano a ordem cósmica. Então Juliano termina seu texto da seguinte maneira:

Portanto, tudo isso que eu orei há um instante atrás ele pode conceder, e ainda pode, a partir de sua graça, dotar toda minha cidade, como um todo, com eterna existência, e na medida do possível, protegê-la por minha pessoa e pode conceder-me que, enquanto me for permitido viver, eu possa prosperar em meus negócios, humanos e divinos; finalmente ele pode conceder-me viver e servir ao Estado com minha vida, desde que seja agradável para ele, bom para mim e conveniente para o Império Romano!⁶⁴

Vitória de Marco Aurélio

Ao final do jogo, os deuses votam secretamente e a maior parte dos votos foi direcionada a Marco Aurélio. Zeus então ordena que Alexandre e os imperadores se dirijam as deidades com as quais se identificam. Nesse momento, Alexandre se coloca ao lado de Hércules, Otávio Augusto ao lado de Apolo, Marcos Aurélio se mantém junto a Zeus e Cronos, Trajano se junta a Alexandre e César senta-se ao lado de Ares e Afrodite. Constantino aparece nesse momento da sátira perdido entre os demais, não se identificando com nenhuma das divindades. Percebendo tal situação a deusa do prazer, Hedonê, o leva em direção a Jesus⁶⁵. Nesta passagem percebemos uma sátira de Juliano em relação à salvação feita por Cristo, como um deboche sobre as pessoas que ele absolve. O apego a Jesus não livraria Constantino

⁶² AMIANO MARCELINO. XXI. p. 286.

⁶³ JULIANO. ORATIO IV. 134cd.

⁶⁴ JULIANO. ORATIO IV. 157b.

⁶⁵ JULIANO. Los Césares. 335c – 336b

de pagar por seus crimes. É interessante notar nesta passagem final que somente Constantino pagaria duramente por seus feitos ruins ⁶⁶. Ao final da sátira Hermes diz a Juliano:

“A ti foi concedido conhecer a teu pai, Mitra ⁶⁷; observe suas ordens e elas te proporcionarão, enquanto vivo, um vínculo e um refúgio seguro, e quando tiver que sair deste mundo junto com a Boa Esperança ⁶⁸, este divino guia será benevolente contigo.” ⁶⁹

Podemos notar que a vitória de Marco Aurélio não é um mero acaso, nem tampouco o desprezo por Constantino. Os interesses político-religiosos de Juliano caminhavam em torno desta disputa, pois Marco Aurélio era um filósofo estoico que buscava reafirmar a relação do Império com o cosmos e, claro, a relação do imperador com os deuses ⁷⁰.

Assim, a literatura elaborada por Juliano transmite suas reais intenções em relação à restauração dos antigos cultos romanos como a base para sua proposta política. Por isso, o único imperador que se aproximava de seus ideais filosóficos era Marco Aurélio, enquanto quem mais se distanciava de sua ideologia era Constantino. Depreciar a imagem de seu tio era necessário para oprimir os avanços do cristianismo e exaltar as benesses dos cultos romanos. Somente assim, Juliano conseguiria reerguer as tradições imperiais e governar com amplo apoio popular. Ao receber o direito de conhecer Mitra, o imperador se coloca mais próximo dos deuses, nesse caso, mais próximo de uma deidade solar. Segundo Roger Pack, a ideia aparente na oração IV de Juliano, no que se refere a uma eventual ascensão de sua alma ao deus Hélios (158b), é que ela se conclui no final dos Césares, quando Hermes permite que Juliano se encontre com Mitra (336c)⁷¹.

Considerações finais

Ao analisarmos pontualmente as *Saturnálias* de Juliano, percebemos que seu texto não se trata meramente de uma obra literária, mas sim um meio pelo qual o imperador buscava transmitir os feitos dos imperadores e como estes eram vistos pelos deuses. Logo, notamos uma característica propagandística em seus escritos, pois no desenvolver da sátira os soberanos com características mais agressivas são rechaçados. Junto destes aparece

⁶⁶ Ibidem. 336b.

⁶⁷ Divindade solar iraniana.

⁶⁸ Referindo-se a Mãe dos deuses.

⁶⁹ JULIANO. op. cit. 336c.

⁷⁰ MARCO AURÉLIO. *Meditaciones*. Introducción de Manuel J. Rodrigues Gervás. Traducción y notas de Francisco Cortés Gabaudán. Madrid: Catedra, 8ª ed, 2016. p. 81. et. seq.

⁷¹ PACK, Roger Notes on the Caesars of Julian. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 77, 1946. p. 151-157. p. 154.

Constantino, visto como um traidor merecedor de castigo graças a seu “ateísmo”⁷². Enquanto Marco Aurélio é exaltado por sua inteligência, sua filosofia e seu respeito diante das divindades.

A partir das questões apresentadas, vemos *Os Césares* como um caminho de Juliano para alcançar seus reais objetivos político-religiosos e como essa sátira está conectada com o hino em devoção ao deus Hélios, como uma propaganda política. Assim, em seu hino, o soberano apresenta a deidade solar como um ser único, pai de tudo o que existe, um ser central no universo, responsável por reger o cosmos e que ele, Juliano, foi escolhido pelo deus para manter a ordem no Império. Compreende-se, então, a tentativa do imperador em restaurar o culto solar para que assim pudesse centralizar o poder do Império em suas mãos e governar sob um princípio teocrático.

Fontes:

HOMERO. **Iliada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e apêndice de Peter Jones. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2013.

JÂMBLICO. **Mistérios Egípcios**. Intrducción, Tradución y Notas de Enrique Ángel Ramos Jurado. Madrid: Editora Gredos. 1997.

JULIANO. **Discursos VI – XII**. Intoducciones, Traducciones y Notas de José García Blanco: Madrid, Gredos. 1982.

JULIUS CAPTOLINUS. Marcus Antoninus. The Philosopher. In: **Scriptores Historiae Augustae**. Translated by David Magie Vol 1. London: Harvard University Press, 1991.

MARCO AURÉLIO. **Meditaciones**. Introducción de Manuel J. Rodrigues Gervás. Tradución y notas de Francisco Cortés Gabaudán. Madrid: Catedra, 8ª ed, 2016.

WRIGHT, Wilmer C. **The Works of the Emperor Julian**. London: Willian Heinemann. New York: The Macmillan CO. 1913.

WRIGHT, W. C. **The Works of the Emperor Julian II**. London-Cambridge, Harvard University Press, 1961.

ZOSIMO. **Nueva História**. Introducción, tradución y notas de José M. Candau Morón. Madrid: Gredos, 1992.

⁷² JULIANO. op. cit. 336b.

Referências Bibliográficas:

- ALFÖLDY, G. **História Social de Roma**. Madrid: Alianza Universidad, 1ª ed 1987; 3ª ed 1996.
- BIDEZ, J. **La vie de l'Empereur Julien**. Paris: Les Belles Lettres, 1965.
- BOWERSOCK, G. W. The emperor Julian on his predecessors. In: Winkler, J. J; Williams, G.: **Yale Classical Studies 27**. Later Greek Literature, Cambridge-London-New York, Cambridge University Press, 198. p. 159-172.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. A sátira latina. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CASTILLO, C. **Tópicos de la sátira romana**. Conferencia pronunciada en el Curso de Humanidades Clásicas de la Universidad Internacional Menéndez Pelayo de Santander, IO, VIII, 1971.
- DE LA VEGA, María José Hidalgo. Teología política de Juliano como expresión de la controversia paganismo-cristianismo en el siglo IV. **Antigüedad y Cristianismo VII. Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano, Murcia**, p. 179-195, 1990.
- MIRANDA, E. B. A. **Apostasia solar**. Juliano (361 – 363 d. C.) e a restauração do Culto Solar. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História. 2016.
- PACK, Roger. Notes on the Caesars of Julian. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Vol. 77, 1946. p. 151-157.
- POLLITZER, María. **Diocleciano y la teología tetrárquica**. Tomo XL, N° 81. p. 157 – 166. 2003.
- SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. Diocleciano e Constantino: A construção do *Dominato*. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro e Vitria: Maud Editora e EDUFES, 2006. p. 193 – 222.
- SMITH, Rowland. **Julian's Gods: Religion and philosophy in the thought and action of Julian the Apostate**. London and New York: Routledge, 1995.